

**Ensino de Jornalismo no interior da  
Amazônia: desafios e perspectivas em  
Vilhena, Rondônia**

Journalism education in the interior of  
Amazon: challenges and perspectives in  
Vilhena, Rondônia



**SANDRO ADALBERTO COLFERAI<sup>1</sup>**  
**LEONÍ SERPA<sup>2</sup>**

**RESUMO**

Trata-se de um relato de experiência sobre ensino de Jornalismo no interior da Amazônia, tomando o caso do curso instalado no campus de Vilhena, da Universidade Federal de Rondônia, como exemplar. São consideradas as particularidades regionais além das determinações pedagógicas e legais que precisam ser articuladas com as nacionais e globais, na formação de profissionais jornalistas. Neste contexto, ponderam-se limitações e desafios atribuídos à educação, perspectivas frente às precariedades institucionais e midiáticas dos veículos e dos profissionais presentes neste cenário. Focaliza-se na exposição das observações sobre fragilidades e potencialidades da formação de jornalistas no interior da Amazônia e das ações no enfrentamento dos desafios deste quadro educacional.

**PALAVRAS-CHAVE**

Jornalismo. Ensino. Amazônia. Rondônia. Vilhena.

**ABSTRACT**

This is an experience report on journalism education in the interior of Amazon, taking the case of the current installed on the campus of Vilhena, at Universidade Federal de Rondônia, as exemplary. Regional differences are considered beyond the pedagogical and legal requirements that need to be articulated with national and global, training of journalists professionals. In this context, they weigh up limitations and challenges attributed to education prospects to institutional and media precariousness of vehicles and professionals present in this scenario. It focuses on the exposure of observations on weaknesses and potential of training of journalists inside the Amazon and actions to face the challenges of this educational framework.

**KEYWORDS**

Journalism. Education. Amazon. Rondônia. Vilhena.

Recebido em: 27/09/2015. Aceito em: 14/06/2016.

<sup>1</sup>Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Licenciado em Letras pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Professor do Departamento de Jornalismo da UNIR, campus de Vilhena. E-mail: [sandrocolferai@gmail.com](mailto:sandrocolferai@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9217166268191537>.

<sup>2</sup> Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela UPF. Professora do Departamento de Jornalismo e coordenadora no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: [leonisepa@unir.br](mailto:leonisepa@unir.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3638399386095891>.

# Ensino de Jornalismo no interior da Amazônia:

desafios e perspectivas em Vilhena, Rondônia

## 1 INTRODUÇÃO

A nossa motivação para este artigo baseia-se na experiência de atuação em um curso de Jornalismo no interior da Amazônia. É deste lugar que acreditamos ser possível lançar a discussão sobre a formação de profissionais jornalistas capazes de dialogar para além das imposições geográficas da região, ao mesmo tempo em que sejam capazes de reconhecer as particularidades regionais e as heterogeneidades societárias e naturais do local em que vivem.

Aprendemos com os fatos históricos que nem tudo se estabelece na mesma forma e proporção e em todas as realidades. Na vivência no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia, na cidade de Vilhena, nos deparamos com uma lenta construção de um ambiente acadêmico, muito em razão da precariedade e escassez de recursos materiais e humanos. Nesse cenário sobre o qual nos debruçamos, explicitam-se os desafios e apontam-se as perspectivas para a formação de jornalistas no interior da Amazônia

Ainda que os contrastes, se considerados os panoramas comunicacionais e de formação acadêmica encontrados em outras regiões brasileiras, sejam gritantes, é preciso reconhecer que em nossa realidade trata-se de um processo de construção ainda nas fundações. Há realidades que principiam, outras se espraiam, outras ainda estão sendo instauradas. Nem por isso a história de um determinado saber e da sua prática profissional deixa de existir, evoluir e buscar afirmação. Muitas vezes alcançam-se variáveis não esperadas e que, ao longo do tempo, procuram se consolidar, como é o caso do cenário que aqui tomamos como exemplar para as nossas preocupações.

Destaca-se que esta é uma análise mais empírica e vivencial sobre o curso de Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia, sediado em Vilhena, criado em 2002 e reconhecido pelo Ministério da Educação em 2016. Traçamos um panorama de observações que consideram os reflexos do isolamento geográfico, da escassez de profissionais e das especificidades da área e da natureza da profissão, além da infraestrutura laboratorial, física e de equipamentos. Além disso, demonstramos acentuada necessidade da formação profissional desta área de conhecimento para esta região.

## **2 A BUSCA PELA CONSOLIDAÇÃO DO CAMPO**

Consideremos algumas retrospectivas históricas. Como ocorreu na maior parte das áreas do conhecimento no Brasil, o ensino de Jornalismo também nasceu tardiamente. Cerca “de meio século nos separa das iniciativas pioneiras na Europa e dos Estados Unidos.” (MELO, 2004, p.78). Tardio é também o seu desenvolvimento, principalmente se lançarmos olhar para a sua estrutura geográfica-política-econômica, devido a sua extensão territorial, variedades culturais e educacionais, aqui entendida muito exemplarmente na realidade amazônica.

Personagens e fatos se somam na construção de um ambiente que mais tarde concretiza o nascimento dos cursos de Jornalismo no país e que até hoje carrega um dilema: equilibrar disciplinas teóricas e práticas nas matrizes curriculares.

Um dos fatos pode ser creditado a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), fundada em 1908, no Rio de Janeiro e que traz em seus propósitos a luta pela formação e o fortalecimento da identidade profissional dos jornalistas. Mais adiante, nos anos de 1930, também pelos ideais da ABI, o ensino de Jornalismo começa a ser delineado no Brasil, quando um dos seus dirigentes, Costa Rego, implementa na Universidade do Distrito Federal o primeiro curso de Jornalismo do país (MELO, 2004, p. 80), assim nasce imbricado à corrente educacional de origem francesa (MELO, 2004, p. 76). No entendimento de Aguiar (2013, p. 167), ao contrário das reivindicações da classe de jornalistas, especialmente as apresentadas no I Congresso Brasileiro de Jornalistas, realizado em 1918, no Rio de Janeiro, pela ABI, os cursos de Jornalismo no Brasil foram implantados dentro das faculdades de Filosofia, o que, segundo Aguiar (2013, p. 168) acarretou “uma grade curricular com a predominância de disciplinas de formação cultural geral, sem contemplar um equilíbrio com as disciplinas de formação profissional.”

A partir desses cenários, o ensino de Jornalismo no Brasil começa efetivamente em 1947 quando o jornalista Cásper Líbero cria a primeira faculdade, com o mesmo nome, numa proposta que se baseia num pensamento acadêmico que mescla saberes europeus e norte-americanos.

## Ensino de Jornalismo no interior da Amazônia:

### desafios e perspectivas em Vilhena, Rondônia

Ao lançarmos um olhar mais atento à história podemos observar que o ensino de Jornalismo parece carregar um estigma que vem desde o surgimento das primeiras escolas americanas, com debates acalorados entre o saber prático, os interesses elitistas, as elites intelectuais, e os interesses mercadológicos, dos mais diversos que acabam por forçar seus campos de saberes. Não é contraditório invocar o que Melo comunica, quando retrospectiva o pensamento de Joseph Pulitzer, o jornalista norte-americano e dono de jornal que investiu milhões de dólares para a universidade “que se comprometesse a educar adequadamente os jovens jornalistas” (MELO, 2004, p. 77) e que pretendia a excelência no ensino de jornalismo.

O processo de transformação do jornalismo no Brasil acontece, mais efetivamente, a partir dos anos de 1960 (MELO, 2004, p.81). O despertar das escolas de jornalismo se dá com uma maior preparação profissional e a regulamentação da profissão em 1969. Tal processo de transformação ainda se depara com desafios a ser superado. Para Eduardo Meditsch, há uma necessidade de maior coerência entre a teoria e a prática, nos cursos de Jornalismo.

104 |

Os setores mais preocupados com a expansão do poder político como forma de afirmação da área acadêmica assumiram a defesa do crescimento para os lados, revivendo a estratégia do Ciespal. Já os setores que priorizam o aprofundamento do rigor teórico e científico no estudo do objeto - e a conquista de competência tecnológica - como caminhos para esta afirmação, entenderam que a ênfase nas suas especificidades é a mudança de curso necessária para o seu crescimento para cima, livrando-a de algumas gorduras que emperram seus movimentos nesta direção. (MEDITSCH, 1999, p. 7).

Despontando fora da perspectiva estigmatizada sobre o campo do Jornalismo encontramos debates que propõe a sua independência de outras áreas. Novamente Meditsch (2007, p. 54), defende a proposta de emancipação do Jornalismo “enquanto área acadêmica e atividade intelectual relevante”. Apresenta desafios ao ensino de Jornalismo. Sugestiona o mesmo para que não incorra na hegemonia das ciências humanas e nem na miopia tecnicista, além disso, trata as questões tecnológicas como desafios que clamam por pesquisa, principalmente na perspectiva de compreender uma mutação jornalística. Destaca:

Na sociedade do conhecimento, mais do que nunca é necessário afirmar o jornalismo enquanto atividade intelectual. [Desta forma,] na perspectiva do jornalismo, é preciso transformar os atuais cursos de comunicação em cursos de conhecimento, lugares de "aprender a aprender" e de "ensinar a aprender" como tentou o projeto do Ciespal. (MEDITSCH, 2007, p. 54).

Outra defesa do autor diferencia que "um profissional capacitado, técnica, teórica e eticamente, fará um trabalho melhor do que um amador." Meditsch entende que esse papel deve ser desempenhado pelos cursos de Jornalismo, sendo o único que "ensina de forma sistemática a escrever, a apurar, a editar e a pensar o que fazer com essas competências." (2007, p. 56).

### **3 O PAPEL DAS ESCOLAS DE JORNALISMO**

No sonho de Joseph Pulitzer, expresso em seu texto editado em 1904, quando ele responde aos críticos sobre seu projeto da escola de Jornalismo na Universidade de Columbia, reconhece "que melhores resultados são obtidos pelo ensinamento sistemático, numa escola profissional." (PULITZER, 2009, p. 16). Naqueles anos o então editor do *The World*, de Nova York, ao ver sua reputação maculada por reproduzir um sensacionalismo exacerbado em busca de audiência, decide vincular seu nome e seu patrimônio ao grandioso projeto da criação da primeira faculdade de Jornalismo dos Estados Unidos, em Columbia e doa milhões de dólares.

O financiador da primeira escola de Jornalismo americana, desde o início do projeto, enfrentou argumentos contraditórios à formação dos jornalistas, entre eles os de que "um jornalista deve nascer feito"; "o jornalismo deve ser aprendido na redação"; "uma nova faculdade é supérflua" (PULITZER, 2009, p. 15-18), entre tantas outras objeções que parecem não se diferenciar dos debates atuais. O preconceito atravessou o século e ainda ressoa no presente, se fazendo ouvir frequentemente durante o processo de docência no curso de Jornalismo, em Vilhena. Essa fundamentação que nega à formação jornalística desafia o experimento de um curso universitário e exige dele um transpor barreiras, especialmente sobre a necessidade da formação acadêmica específica. Nesse aspecto, foi e ainda é provocante, necessário e urgente a

## Ensino de Jornalismo no interior da Amazônia:

desafios e perspectivas em Vilhena, Rondônia

construção de novos paradigmas jornalísticos que dialoguem continuamente com uma cultura enraizada sobre a prática jornalística regional que se estabelece de forma precária tanto técnica quanto eticamente no interior do país.

Nessa perspectiva, em pesquisa sobre a realidade midiática do interior do Brasil, Serpa (2015) constata semelhanças nos cenários comunicacionais, desde os extremos do Brasil – sul e norte –, especialmente quando se observam as linhas editoriais e as práticas do fazer jornalístico exercido fora das regiões onde se localizam os conglomerados midiáticos. Mídia regional essa aqui entendida como um veículo de comunicação onde o exercício do jornalismo ainda é muito artesanal. As tiragens dos jornais e a audiência são inexpressivas, a amplitude midiática é menor. Entendida ainda por mídia de interior, mídia regional ou mídia interiorana, ao comparar os dados da referida pesquisa aferiu algumas semelhanças:

106 |

são veículos de comunicação que dificilmente se dispõem com agentes públicos, especialmente políticos locais; são veículos financiados, quando não mantidos na totalidade, por políticos ou empresários influentes; possuem escassez de recursos que não permite uma autonomia e independência editorial; tem uma dependência publicitária maior que a credibilidade noticiosa; precariedade profissional, na maioria das vezes o exercício do jornalismo é feito por profissionais não habilitados, com um grande número de jornalistas práticos. (SERPA, 2015, p. 15).

Se considerarmos que a tradição brasileira de formação em Jornalismo gradativamente se distanciou da europeia e se aproximou da norte-americana, torna-se claro que estamos imersos num contexto em que os interesses do mercado exigem uma formação estritamente profissional e mercadológica. Porém é necessário que não se descuide de formar profissionais jornalistas cômicos das realidades sociais, políticas e culturais em que atuam, que não escamoteiem o dever ético e os seus fundamentos críticos.

Para Lage (2002, p. 64-65), as polêmicas sobre o papel das escolas de Jornalismo segue manifesta nos mais diferentes contextos na América Latina e, especialmente, no Brasil. Entre nós, a maior parte das escolas de Jornalismo foi instalada nas últimas três décadas. Tal cenário é comum na maior parte do país

devido a proliferação de escolas em regiões onde já estavam presentes empresas de comunicação – quase sempre pequenas. Observa Lage:

É claro que a existência de escolas superiores de jornalismo foi vista pelos profissionais que já estavam trabalhando – principalmente os menos competentes e menos éticos, mas também alguns competentes e inseguros – como ameaça. Esse é o tipo de reação que ainda hoje se manifesta toda vez que, em alguma região, inaugura-se um curso de jornalismo ou profissionais formados chegam em busca de trabalho. (2002, p. 64).

Esta conjuntura é potencializada quando se volta o olhar para as regiões que, historicamente, passaram a ser apontadas como periferias em contraste com os centros nacionais de formação superior. Observamos que no norte do Brasil, apesar das distâncias espaciais das capitais, encontram-se instalados cursos de Jornalismo. Nestes lugares os desafios se multiplicam, pois, além de tardio o ensino de Jornalismo enfrenta desafios outros, ligados às variedades culturais, educacionais e geográficas, além de barreiras logísticas que levam à sensação de isolamento, especialmente quando se considera a malha de transporte intra e inter-regionais. Numa abordagem baseada na experiência, especialmente sobre os mais longínquos espaços, podemos observar nestes interiores as precarizações técnica e ética da prática jornalística prevalecendo. Por outro lado, e paradoxalmente, entram em fluxo esforços obstinados em contribuir com saberes formais capazes de fomentar espaços para a profissionalização do campo nestas regiões e, especificamente, ofertar formação condizente com as necessidades sociais contemporâneas.

Certamente há barreiras a serem superadas quando se empreende tais esforços que, mesmo se constituindo em desafios inéditos nos locais onde surgem, são em larga medida os mesmos que tem sido enfrentados pelas mais diferentes escolas de Jornalismo desde a primeira metade do século XX. "Culpam-se as escolas pelos defeitos que têm e pelos que não têm; exige-se do recém-formado um tipo de conhecimento que só a experiência extensa pode garantir; alega-se que, se o jornalismo depende de talento, o curso universitário é inútil." (LAGE, 2002, p. 65).

A reflexão certamente contribui para compreender barreiras que são impostas às iniciativas de qualificação e formação universitária de profissionais

## Ensino de Jornalismo no interior da Amazônia:

### desafios e perspectivas em Vilhena, Rondônia

do jornalismo e a constituição de espaços acadêmicos capazes de problematizar este campo profissional. Nossa experiência no ensino de Jornalismo leva-nos a reforçar a argumentação de Lage, considerando também a glamourização da profissão e o atrelamento de interesses políticos e econômicos, como fatores que contribuem para a desvalorização da formação em escolas de Jornalismo.

Nas palavras de Lage encontramos argumentos para a defesa da necessidade de interiorização dos cursos de Jornalismo, como forma de colaborar com a transformação das realidades sociais. É aqui que reside o papel de cursos fora das capitais, dos grandes centros, como é o caso do de Vilhena, no interior de Rondônia, um dos dois cursos do estado e o único de ensino público. Ele se encontra em uma realidade que sente os reflexos do isolamento geográfico, da carência de profissionais docentes e o desconhecimento institucional sobre a natureza específica da profissão, além da falta de infraestrutura laboratorial, física e de equipamentos, nossos principais desafios.

108 |

Entre as perspectivas e apesar de todas essas variáveis tem se projetado nos últimos anos uma correção de rumo para o curso a fim de atender à necessidade social e como alternativa à precariedade profissional da área profissional na região, a começar pela sua legalização e atendimento as diretrizes nacionais.

A busca por consolidação de uma escola de Jornalismo nestas condições passa pela consideração – quando não pelo enfrentamento – de práticas consolidadas não apenas por profissionais, mas também por instituições, quase sempre públicas, que lançam mão destes cenários para a manutenção de espaços de poder. É novamente Lage, considerando as realidades presentes nas regiões do interior do país, que aponta:

leis equivocadas – como a que obriga as prefeituras a divulgar seus editais em jornal local – estimulam o surgimento de veículos de tiragem insignificante, circulação temporária, sem informação jornalística que preste, comprometidos com o poder local. A interiorização dos cursos de jornalismo é um dos instrumentos para mudar esse estado de coisas e serão as cidades do interior as primeiras prejudicadas pelo retrocesso que significaria o fim da exigência de formação específica. (2002, p. 68).



Não se trata, então, de uma realidade ímpar – ainda que tenha particularidades que não podem ser ignoradas – aquela com que nos deparamos no interior da Amazônia, na cidade de Vilhena, em Rondônia, local onde está instalado o curso de Jornalismo da UNIR. O que há aqui é reflexo de uma conjuntura nacional para o campo do Jornalismo, com cores locais. Esse espelho encontra suas gêneses no processo de formação sócio-histórica da região e num cenário particular para as práticas jornalísticas no interior de Rondônia, sem desconsiderar os desafios nacionais enfrentados pela profissão nos últimos anos, especialmente com a derrubada da obrigatoriedade do diploma para o exercício da atividade.

## **4 CENÁRIO DA FORMAÇÃO EM JORNALISMO NA AMAZÔNIA**

O estudo sobre o perfil do jornalista brasileiro (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA DA UFSC, 2012) aponta que a formação superior é regra na quase totalidade das atividades profissionais de jornalistas, quadro que se acentua a partir de dois momentos importantes para o campo profissional: a regulamentação da profissão de jornalista, em 1969,<sup>3</sup> que trouxe consigo a exigência de diploma de formação superior para atuação; e a proliferação de escolas superiores de Jornalismo a partir da década de 1990. Ainda que neste cenário o interesse pela formação superior tenha sofrido considerável declínio após a queda, por força de decisão judicial, da exigência do diploma de formação superior, o fato é que atualmente há algo em torno de 350 instituições de ensino superior que oferecem cursos de Jornalismo no Brasil.

Dos cerca de 145 mil profissionais que possuem registro profissional no país, 98% possuem formação superior e 40% cursaram especialização; 55% atuam na mídia; 40% em assessoria de imprensa; 40% em outras atividades jornalísticas fora da mídia e 5% como professores. A ampla maioria destes profissionais defende a exigência de algum tipo de formação superior para o exercício da profissão, e mais da metade deles defende a diplomação específica

---

<sup>3</sup> Decreto-Lei n. 172, de 12 de outubro de 1969.

## Ensino de Jornalismo no interior da Amazônia:

desafios e perspectivas em Vilhena, Rondônia

em Jornalismo (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA DA UFSC, 2012).

Via de regra este cenário não se repete na região norte, em que se impõe um cenário particular que ainda não foi totalmente descrito, mas que a experiência permite apontar que os profissionais com formação superior específica em Jornalismo atuam principalmente nas capitais estaduais, enquanto nas cidades do interior dos diversos estados predomina a figura do jornalista prático. Esta inferência é corroborada pela distribuição dos cursos superiores de Jornalismo, concentrados nas cidades de Belém (PA) e Manaus (AM), onde estão instalados 54% dos cursos.

QUADRO 1 - CURSOS DE JORNALISMO NA REGIÃO NORTE

Estado	Públicos	Privados	Total
Acre	01	01	02
Amapá	01	01	02
Amazonas	02	05	07
Pará	01	10	11
Rondônia	01	01	02
Roraima	01	01	02
Tocantins	02	01	03
<b>Total</b>	<b>08</b>	<b>20</b>	<b>28</b>

Fonte: Os autores

Especificamente no cenário presente no estado de Rondônia, que tem atualmente dois cursos em funcionamento, um privado na capital, Porto Velho, e outro público federal no interior, no campus de Vilhena da Universidade Federal de Rondônia, algumas particularidades são necessárias destacar. Nos primeiros anos da década de 2000 havia quatro cursos instalados, dois em Porto Velho e no interior do estado, na cidade de Ji-Paraná, todos em instituições privadas, além do curso ofertado pela UNIR. O fechamento dos cursos oferecidos pela Faculdade de Rondônia, Faro, em Porto Velho – este o primeiro a ser instalado em Rondônia, em 2000 – e pelo Centro Universitário Luterano de Ji-Paraná, Ceulji/Ulbra, em Ji-Paraná, teve como principal justificativa a reduzida demanda de alunos. Em Vilhena o curso teve altos e baixos em procura. Atualmente se mantém com uma média de 50 vagas por ingresso anual. Em que pesem as carências do curso ofertado pela Universidade

Federal de Rondônia, é fundamental ter a perspectiva sócio-histórica para dar conta das complexas relações que levam a este cenário de pouco interesse na formação em Jornalismo em Rondônia que, por extensão, pode ser compreendido como exemplar do cenário regional.

## 5 CENÁRIOS E CONJUNTURAS LOCAIS

O que pode ser apontado como o princípio de uma história do Jornalismo em Rondônia remonta à última década do século XIX, e está estritamente ligado aos eventos que ficaram conhecidos como o Primeiro Ciclo da Borracha. Seringalistas fundaram, em 1891, o *Humaythaense*, um semanário que circulava na região do médio e alto Rio Madeira e que deixou de existir tão logo esgotou-se o período áureo da borracha. Depois disso outros jornais surgiriam a partir do final da primeira década do século XX, quase na totalidade em Porto Velho, sempre ligados à Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, como foi o caso dos jornais *The Porto Velho Times* e *The Porto Velho Courier*, ambos em língua inglesa e voltados para os funcionários estrangeiros contratados para a construção da ferrovia (ALBUQUERQUE, 2009).

A partir de meados da década de 1970 a distribuição espacial da população de Rondônia passou a se diferenciar dos demais estados da região norte. A colonização agrícola fez com que gradativamente a maior concentração populacional se desse distante da capital, Porto Velho, e com isso dezenas de municípios passaram a ser criados a partir de 1977 e ao longo da década de 1980. Este fator acabou por ser determinante na configuração atual dos meios de comunicação, pois desde os últimos anos da década de 1970 passaram a surgir inúmeros pequenos jornais e emissoras de rádio no interior. Na capital é criado o jornal diário *O Estadão do Norte*, que rapidamente se transforma na principal publicação a circular em Rondônia, e repetidoras de televisão, depois convertidas em emissoras locais da *Rede Amazônica de Televisão*, afiliada da *Rede Globo*, foram sendo instaladas nas diversas cidades que surgiam.

A concessão de emissoras de rádio e televisão se acelera a partir da instalação do Estado de Rondônia em 1982 – até então era um território federal. A maioria destas concessões são dadas a políticos e, com o tempo, são

## Ensino de Jornalismo no interior da Amazônia:

### desafios e perspectivas em Vilhena, Rondônia

formados pequenos grupos de comunicação, muitos ainda ativos. O sinal de outras emissoras de televisão, além da *Rede Globo*, passam a ser retransmitidos, como o *SBT*, a *Bandeirantes* e a extinta *Manchete*. É a partir daí que se configura o atual o cenário profissional para o jornalismo em Rondônia.

É assim que cidades como Ariquemes, Ji-Paraná, Cacoal e Vilhena são os lugares onde há maior número de emissoras de rádio, TV, e onde está a maior parte dos veículos impressos. Nos outros [municípios], [baixo] nível de escolaridade e distribuição [rarefeita] da população, [...] reflete-se no maior número de emissoras de rádio, mesmo que isso não signifique que este seja o meio com maior presença nos domicílios rondonienses. (COLFERAI, 2010, p. 153).

De maneira geral as sedes das redes de comunicação estão em Porto Velho, mas suas presenças são marcantes nas cidades do interior, uma vez que o desenvolvimento alcançado pela empresa colonizadora implantada nos anos 1970 alcançou êxito e significa importante fonte de negócios para os veículos de comunicação (COLFERAI, 2010). Da mesma maneira este fator leva à manutenção de pequenos veículos impressos e emissoras de rádio locais, além de uma considerável programação de televisão produzida localmente nas principais cidades do interior de Rondônia, onde – ao contrário do que ocorre na maior parte dos estados do norte – se concentra mais de dois terços da população.

112 |

## 6 DESAFIOS (AUTO)IMPOSTOS À FORMAÇÃO

Os desafios com que se depara um curso de Jornalismo no interior de Rondônia se conformam a partir dos cenários até aqui delineados, assim como são fundamentais as condições institucionais para estruturação e manutenção de um ambiente acadêmico capaz de dar respostas às necessidades da formação profissionais de nível superior. Em Vilhena está o único curso de comunicação instalado em um raio de 700 quilômetros: com isso os cursos mais próximos estão instalados em Porto Velho (diante 700 quilômetros de Vilhena), e em Cuiabá, capital de Mato Grosso (distante 780 quilômetros). Trata-se de um dos cinco cursos instalados em cidades do interior da região norte, conforme o Ranking Universitário da Folha: Gurupi (TO), um curso, ensino público; Parintins

(AM) um curso, ensino público; Santarém (PA), dois cursos, ensino privado; Vilhena (RO) um curso, ensino público.

As distâncias físicas, para além das óbvias dificuldades de efetivação de diálogo com outras escolas de Jornalismo, leva à percepção de um isolamento, que é tanto físico como entendido e, em certa medida, alto imposto. Aí se configura um primeiro desafio: romper com o isolamento e fomentar o diálogo entre professores e estudantes do curso com outras escolas. Também nesta característica em particular podemos considerar que trata-se de um desafio comum a todos os cursos instalados no interior da Amazônia, uma vez que as condições de acesso proporcionadas pela malha de transportes tornam os deslocamentos demorados e financeiramente onerosos.

Quanto à estrutura disponível para as atividades de ensino-aprendizagem e experimentação há clara insuficiência de recursos e de instalações. O curso não possui laboratórios para prática jornalística condizente com as necessidades pedagógicas e de formação profissional, e os equipamentos ainda são insuficientes e próximos de tornarem-se obsoletos. Atualmente a construção dos espaços laboratoriais está em fase de conclusão, com obras que prevê, desde estúdios a laboratório para a prática de um jornalismo multimídia. A inexistência de técnicos em jornalismo também é um complicador, assim como não é suficiente em quantidade e em atualização a biblioteca disponível. Esses obstáculos vêm sendo contornados pela disposição e criatividade de docentes ao utilizarem, por exemplo, ferramentas online e abertas de edição, e com o uso de equipamentos não profissionais para a captação de áudio e imagem. Além disso, é recorrente na prática pedagógica o uso de *ebooks* como maneira de superar as limitações de oferta de títulos.

O papel dos professores e sua disposição tem sido determinante para reduzir os impactos da estrutura na formação dos alunos. Isso nos leva a outro desafio: a atração de recursos humanos qualificados para atuar em um curso de Jornalismo no interior da Amazônia. Trata-se de um desafio ainda maior quando se considera o perfil ideal para um docente: formação em Jornalismo e qualificação em nível de doutorado. Atualmente o curso de Vilhena tem um corpo docente composto por onze professores, sendo cinco doutores e seis mestres, e seis com formação em Jornalismo. Este é um quadro relativamente

## Ensino de Jornalismo no interior da Amazônia:

desafios e perspectivas em Vilhena, Rondônia

confortável, mas que somente no princípio de 2016 se efetivou, pois até então havia somente oito professores vinculados ao curso, sendo que dois deles estavam afastados para formação doutoral. Ainda assim persiste a preocupação com a fixação de recursos humanos, o que se justifica pela constante remoção de professores para outras unidades da UNIR e mesmo para outras IFES.

Mais uma vez não é uma característica particular deste curso, pois acreditamos – como têm demonstrado os contatos que mantemos com outras escolas de Jornalismo no norte do país – por se tratar de uma dificuldade presente em toda a região. Desde a instalação do curso criou-se o que se pode considerar uma rotatividade de professores, dificultando desta maneira o desenvolvimento de ações a longo e mesmo a médio prazo, o que tem tido reflexos na quantidade e na qualidade das atividades ofertadas: não há um grupo de pesquisas no Departamento de Jornalismo da UNIR, e nem mesmo projetos de extensão que se mantenham por mais de dois anos, por exemplo.

Outro aspecto que pode ser atribuído a esta não permanência de docentes no curso é a estrutura curricular. Quando da instalação do curso de Jornalismo em Vilhena, em 2002, o Projeto Político Pedagógico foi concebido de maneira precária sem que tenha sido discutido por docentes do campo – foi concebida pela maior parte dos docentes da área de Letras<sup>4</sup> – e desde sua implantação era flagrante que se tratava de um PPC que necessitava de urgente revisão. No entanto, esta revisão somente ocorreu em 2009 quando enfim houve a formulação e adoção de novo currículo para o curso. Novamente em 2015, devido a adoção das Novas Diretrizes Curriculares de 2013, para os cursos de Jornalismo do país, foi reformulado o PPC com a pretensão de dar conta das particularidades regionais na formação de jornalistas. Consonante procura, através dos seus objetivos, não perder de vista a universalidade e a necessária crítica social inerente ao campo.

Outro obstáculo para a consolidação do curso de Jornalismo em Vilhena se configura a partir do mercado para jornalismo presente no interior de Rondônia e da legitimação social da profissão de jornalista nesta região. Num cenário que vai ao encontro daquele apresentado por Lage (2002) sobre o

<sup>4</sup> Em que pese a contribuição e esforços deste grupo de professores na implantação do curso em Vilhena, o limitado conhecimento do campo não atendia as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso.

exercício do jornalismo prático, forjados no cotidiano de pequenas e precárias redações, e as oportunidades de empregos, também precárias, para jovens interessados em iniciar uma carreira. Na realidade de Vilhena boa parte das vezes estes postos de trabalho são oferecidos para alunos dos primeiros semestres do curso de Jornalismo – criam resistências à discussão acerca de práticas profissionais e éticas. As questões presentes nas salas de aula acabam por seguir uma lógica que traz consigo uma perversidade: se já faço jornalismo de um jeito que penso estar funcionando adequadamente, porque devo mudar? E este jornalismo que se pensa adequado é devedor de atrelamentos a grupos políticos e empresariais que fazem desaparecer a crítica necessária ao campo profissional. Não são raras, e é mesmo possível apontar que se trata de regra, casos de jornalistas que dividem seu tempo entre as redações e a assessoria de comunicação em empresas e em gabinetes políticos.

Configura-se assim um círculo que coloca em xeque a aprendizagem formal: deixa-se de lado o curso de Jornalismo pela possibilidade de ingressar precocemente no mercado de trabalho em jornalismo, que por seu turno mantém-se precário por não haver a percepção crítica do campo profissional possível de ser alcançada em um curso de Jornalismo. Neste circuito deve ser acrescentada a pouca legitimidade social do profissional jornalista, o que em larga medida pode ser creditada à precarização das condições de trabalho, que obriga estes profissionais a se submeterem a condições e arranjos distantes das condições necessárias para desenvolverem suas atividades. E sem tais condições mantém-se a figura do profissional incapaz de exercer o papel crítico que lhe cabe, mais uma vez proporcionando a manutenção de um circuito que afasta os mais talentosos deste campo.

## **7 PERSPECTIVAS**

Apesar de todas as variáveis e dilemas aqui apresentados tem se projetado nos últimos anos uma correção de rumo ao curso de Jornalismo da UNIR de Vilhena para fazer frente a uma necessidade social e como alternativa à precariedade profissional da área. Se por um lado se multiplicam os desafios para o ensino de Jornalismo no interior da Amazônia, e no campus de Vilhena,

## Ensino de Jornalismo no interior da Amazônia:

### desafios e perspectivas em Vilhena, Rondônia

da Universidade Federal de Rondônia em particular, da mesma maneira acreditamos haver perspectivas para superar tal cenário.

A primeira correção veio com a legalização do curso junto ao Ministério da Educação, num trabalho intenso que se iniciou em 2013 e estendeu-se até o início de 2016, quando houve o efetivo reconhecimento, como aponta o relatório de avaliação *in loco*: "O Curso de Jornalismo da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Campus Vilhena, Rondônia, é o único curso público de Jornalismo no Estado, com impacto em parcela significativa também do Estado de Mato Grosso." (BRASIL, 2016. p. 2).

A segunda correção que se efetivou na perspectiva de consolidar o curso de Jornalismo, foi a criação do Projeto Pedagógico de Curso – PPC – com base nas novas diretrizes delineado em eixos que contemplam a formação pretendida, os conteúdos agrupados em seis eixos de formação: o eixo de fundamentação humanística com carga horária total de 400 horas, com componentes curriculares que priorizam além das disciplinas tradicionais, as que tratam da realidade regional e brasileiras contemporâneas. O eixo de fundamentação específica soma uma carga horária de 560 horas, com disciplinas técnicas, teorias, semiologia, fotojornalismo história e deontologia do Jornalismo. O eixo de fundamentação contextual com 480 horas, com componentes curriculares que priorizam a leitura e a produção de textos, políticas e comunicação comparada. O eixo de formação profissional prevê 560 horas para componentes dentre os quais teorias do Jornalismo e especializado, além de empreendedorismo. O eixo de aplicação processual, que tem a maior carga horária, 920 horas, traz componentes optativos, como flexibilização do currículo do curso, além das disciplinas de jornalismo ambiental, documentário e grandes reportagens. O eixo de prática laboratorial oferece 400 horas e contempla desde o exercício laboratorial da prática do jornalismo impresso, radiojornalismo, telejornalismo, fotojornalismo, a produção de projetos experimentais e monografia. Além disso, o PPC prevê o estágio supervisionado em 200 horas e as atividades curriculares complementares em também 200 horas. Desta forma o Ministério da Educação em seu Relatório de Avaliação (BRASIL, 2015, p. 2) constata: "O PPC contempla muito bem as demandas efetivas de natureza econômica, social, cultural, política e ambiental." Relata



que o PPC "informa que há demanda crescente de por profissionais de jornalismo, além de existir certa 'disputa' entre os profissionais academicamente formados e os práticos para a obtenção de postos de trabalho" (BRASIL, 2015, p. 2).

Com uma formação centrada no campo do Jornalismo, o Projeto Pedagógico de Curso apresenta a partir de um ementário propostas de "temas transversais que dizem respeito à formação de um profissional jornalista cidadão, comprometido com o meio em que vive, ambiental e socialmente." (BRASIL, 2015, p. 3). Procura deixar claro o papel desafiador, a partir de um sustentáculo que "instrumentalize os novos profissionais a aptidão para não apenas assumir papéis no mercado de comunicação existente, mas construir novos espaços empreendedores de atuação jornalística, especialmente no Estado de Rondônia" (DEPARTAMENTO DE JORNALISMO FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA, 2015 p. 15).

Acreditamos que após as providências aqui relatadas a faculdade passa a ter uma nova configuração. Entre as medidas destacamos a Regulamentação, aprovação junto ao MEC, a criação do PPC, a construção de laboratórios e a criação de novos grupos de pesquisa em andamento a partir de 2016. Como desafios ainda permanecem as questões de infraestrutura laboratorial, apesar de estar em fase de construção e com obras em andamento e a aplicabilidade do projeto pedagógico em sua plenitude. Desta forma, o curso passa a ser desafiado em uma nova conjuntura. No entendimento das novas diretrizes que grosso modo, sugestionam mais a formação específica, reside, designadamente para este curso uma construção pedagógica que exacerba o fazer jornalístico, cuja intenção quer aproximar o conhecimento acadêmico da realidade de mercado, especialmente em construção como a de Rondônia.

Coexiste aqui, um desafio e um norte, a ser seguido pelo curso de Jornalismo de Vilhena: congregar diferentes saberes que se mostrem necessários à formação profissional em jornalismo, para além da atuação nesta realidade ímpar, como a que se apresentam na Amazônia, considerado suas particularidades. Neste processo é ainda necessário ter claro que se trata de formar não mais comunicólogos, mas essencialmente jornalistas, como exigem as Novas Diretrizes Nacionais para os cursos de Jornalismo. Neste


## Ensino de Jornalismo no interior da Amazônia:

desafios e perspectivas em Vilhena, Rondônia

congruamento de saberes é possível contribuir eficazmente com o campo do Jornalismo em construção no território rondoniense.

Além disso, somos desafiados a encontrar um tom para o diálogo entre os saberes acadêmicos e aqueles acumulados ao longo dos anos por profissionais práticos que atuam na realidade em que estamos inseridos. É necessário desconstruir mitos a respeito da prática da profissão concebidos ao longo dos anos pelo seu exercício empírico e que acabaram por se cristalizar. Trata-se de inserção numa realidade prática profissional ainda em formação que faz com que, não raro, até metade de uma turma de estudantes de Jornalismo já esteja efetivamente trabalhando na área. Se por um lado estamos longe dos saberes acumulados e das experiências profissionais em centros de ensino e prática profissional consolidados, por outro estamos inseridos num ambiente em que o fazer prático deve ser problematizando para ser compreendido e, neste processo, possa haver efetiva e positiva intervenção da academia.

118 |

Esta intervenção precisa estimular a inclusão da diversidade, não apenas ambiental, mas social desta população. Trata-se de pensar uma formação inclusiva que estimule o exercício profissional sem desconsiderar a cultura e os saberes populares locais. Uma formação que traga para as histórias jornalísticas a sabedoria, ânsias e perspectivas dos ribeirinhos, indígenas, colonos e de seus descendentes, além de ser capaz de realizar leituras pertinentes das conjunturas que extrapolam o local e se mantenham próximas das discussões contemporâneas que atravessam os campos social e profissional. Trata-se de propiciar condições para formar profissionais do jornalismo que considerem as realidades fragmentadas e heterogêneas da região, e que acima de tudo dialoguem com as demais realidades do país externando suas peculiaridades e mostrando a Amazônia que o Brasil não conhece. 

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leonel. As diretrizes curriculares e a formação específica em jornalismo. **Alceu**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 27, p. 162-175, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/12alceu27.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2016.

ALBUQUERQUE, Lúcio. **Da caixa francesa ao telégrafo: 100 anos da imprensa em Rondônia**. Porto Velho: [s. n.], 2009.

**Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v. 6, n. 18, p. 101-120, jan./jun. 2016

ISSN: 1981-4542

BRASIL. Ministério da Educação. **Instrumento de avaliação de cursos de graduação presencial e a distância**. Brasília: Mec, 2015. Disponível em: <[http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/avaliacao\\_cursos\\_graduacao/instrumento\\_s/2015/instrumento\\_avaliacao\\_cursos\\_graduacao\\_presencial\\_distancia.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/avaliacao_cursos_graduacao/instrumento_s/2015/instrumento_avaliacao_cursos_graduacao_presencial_distancia.pdf)>. Acesso em: 22 mar. 2016.

COLFERAI, Sandro Adalberto. Tomada de espaço e atrelamentos: o cenário de comunicação social de Rondônia. **Communicare**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 150-163, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/07/Communicare-vol.-10.1.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

DEPARTAMENTO DE JORNALISMO FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA. **Projeto Político-Pedagógico do curso de Jornalismo**. Vilhena, 2015. Disponível em: <[http://www.dejor.unir.br/downloads/3538\\_3538\\_ppc\\_versao\\_site.pdf](http://www.dejor.unir.br/downloads/3538_3538_ppc_versao_site.pdf)>. Acesso em: 12 jul. 2016.

FOLHA DE S.PAULO. Ranking nacional dos cursos de Jornalismo. **Folha de S.Paulo**, 2014. Disponível em: <<http://ruf.folha.uol.com.br/2014/rankingdecursos/jornalismo/>>. Acesso em 22 abr. 2015.

LAGE, Nilson. À frente, o passado. In: FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (Org.). **Formação superior em Jornalismo: uma exigência que interessa à sociedade**. Florianópolis: Imprensa da UFSC, 2002. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/6407279-Formacao-superior-em-jornalismo-uma-exigencia-que-interessa-a-sociedade.html>>. Acesso em: 17 abr. 2015.

MELO, José Marques de. Os primórdios do ensino de Jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 73-83, jul./dez. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2074>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. **História do pensamento comunicacional: cenários e personagens**. São Paulo: Paulus, 2003.

MEDITSCH, Eduardo. **Crescer para os lados ou crescer para cima: o dilema histórico do campo acadêmico do jornalismo**. Covilhã: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 1999. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/texto.php?html2=meditsch-eduardo-dilema-historico-jornalismo.html>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. Novas e velhas tendências: os dilemas do ensino de Jornalismo na sociedade da informação. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 41-62, abr./jul. 2007. Disponível em: <<http://www.fnj.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/view/106/61>>. Acesso em 22 abr. 2015.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA DA UFSC. **Perfil do jornalista brasileiro**. Características demográficas, políticas e do trabalho (2012). Síntese dos principais resultados. Florianópolis, 2012. Disponível em: <<http://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>>. Acesso em 22 abr. 2015.

PULITZER, Joseph. **A escola de jornalismo na Universidade de Columbia: o poder da opinião pública**. Florianópolis: Insular, 2009.

## Ensino de Jornalismo no interior da Amazônia:

desafios e perspectivas em Vilhena, Rondônia

SERPA, Leoní. O Jornalismo Investigativo e o desafio de fazer frente às transformações contemporâneas. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM JORNALISMO INVESTIGATIVO, 2., 2015, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: ABRAJI, 2015. Disponível em: <<http://www.abraji.org.br/seminario/2seminario.html>>. Acesso em: 13 jul. 2016.